

**A DEVOÇÃO A MARIA NA IGREJA CATÓLICA:
LADAINHA DE NOSSA SENHORA (LADAINHA LAURETANA)**

Sueli Maria Ramos da Silva¹

RESUMO: Procuramos examinar os mecanismos de produção do efeito de sentido afetivo ou passional apreensíveis da prática ritualística católica da oração. Estabelecemos como recorte a seguinte oração devocional cristã: a ladainha de Nossa Senhora, também conhecida como ladainha lauretana. Propomos, mediante a análise do discurso oracional, definir algumas considerações a respeito da estrutura aspectual e, por conseguinte, passional do crer, levando em conta o aspecto fiduciário envolvido nessa prática católica.

PALAVRAS-CHAVE: prática ritualística; devoção mariana; paixão.

ABSTRACT: We sought to examine the mechanisms of production of the effect of sense of emotional or passionate ritualistic practice of Catholic prayer. We set the following clipping Christian devotional prayer, the litany of Our Lady, also known as the Litany of Loreto. We propose, through a discourse analysis of clausal set some considerations about the structure and aspectual therefore passionately believing, taking into account the fiduciary aspect involved in this Catholic practice.

KEYWORDS: ritualistic practice; Marian's devotion; semiotics passions.

1. A prática oracional católica

Tomamos a oração enquanto um ato de linguagem, uma práxis cognitiva, pragmática e ritual. Dentro da prática ritualística católica, a oração tem por temática o agradecimento ou a súplica dirigida a Deus, a um santo, ou a uma divindade. Ela apresenta, portanto, assuntos os mais variados possíveis, incluindo pedidos de restituição da saúde, obtenção de graças e agradecimentos (COSTA, 2008, p. 145).

A Igreja Católica, embora considere serem todos os momentos indicados para oração, propõe aos fiéis tempos destinados a cadenciar e alimentar a oração contínua: oração da manhã e da tarde, antes e depois das refeições; liturgia das Horas; Eucaristia Dominical; Santo Rosário, Festas do Ano Litúrgico (BENTO XVI, 2005, p.163).

¹ Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, Membro do Grupo de Estudos Semióticos (GES-USP), Professora do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UninCor), *campus* de Três Corações – MG, e-mail: prof.sueli.silva@unincor.edu.br.

O ‘tempo sagrado’, que se expressa no calendário de festas e celebrações, ao contrário do tempo profano, recorre constantemente e suas sequências repetem, sempre de novo, a evocação de uma determinada série de acontecimentos destacados (REHFELD, 1988, p. 55).

Retomamos a noção de ritmo na perspectiva de uma semiótica tensiva, como uma lei de sucessão percebida. “A relação entre o tempo, a duração e o ritmo é tributária da relação *exclusiva* ou *participativa*, que liga o simultâneo ao sucessivo” (ZILBERBERG, 1990, p. 39).

O ritmo das festas litúrgicas e da prática oracional, através de tempos, repetições e intervalos sucessivos, liga o indivíduo ao grupo, confirmando uma atitude participativa dos fiéis tributários às práticas da mesma fé católica.

2. Ladainha de Nossa Senhora (ladainha lauretana): Análise Semiótica

De acordo com os pesquisadores Basadonna e Santarelli (2000, p. 17), entre os inúmeros textos do gênero *ladainha* de tema mariano², consolidou-se aquele que esteve em uso desde a primeira metade do século XVI no santuário da Casa Santa de Loreto. Explica-se, assim, a denominação ladainha lauretana. A primeira notícia sobre a prática de cantar-se a ladainha de Nossa Senhora no santuário lauretano data de 10 de dezembro de 1531. Desde então, foram realizadas várias alterações ao texto original, com o acréscimo de novas invocações mediante concessões de caráter universal, além de concessões limitadas a dioceses ou institutos religiosos particulares.

Reproduzimos o texto da tradução latina da ladainha de Nossa Senhora, a ladainha lauretana, aprovada em 09 de junho de 1992 pela Congregação dos Sacramentos e o Culto Divino.

Ladainha de Nossa Senhora

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós
Santa Maria, **rogai por nós**
Santa Mãe de Deus
Santa Virgem das virgens

² O termo “mariano” refere-se ao culto ou a devoção à Virgem Maria, entre os cristãos.

Mãe de Cristo,
Mãe da Igreja
Mãe da divina graça
Mãe puríssima
Mãe castíssima
Mãe Imaculada
Mãe digna de amor
Mãe admirável
Mãe do bom conselho
Mãe do Criador
Mãe do Salvador

Virgem prudente
Virgem digna de honra
Virgem digna de louvor
Virgem poderosa
Virgem clemente
Virgem fiel

Espelho de perfeição
Sede da sabedoria
Fonte de nossa alegria,
Vaso espiritual
Tabernáculo da eterna glória
Moradia consagrada a Deus
Rosa mística
Torre da santa cidade de David
Fortaleza inexpugnável
Santuário da presença divina
Arca da aliança
Porta do céu
Estrela da manhã
Saúde dos enfermos
Refúgio dos pecadores
Consoladora dos aflitos
Auxílio dos cristãos

Rainha dos anjos,
Rainha dos patriarcas,
Rainha dos profetas,
Rainha dos apóstolos,
Rainha dos mártires,
Rainha dos confessores da fé
Rainha das virgens
Rainha de todos os santos
Rainha concebida sem pecado
Rainha assunta ao céu
Rainha do rosário,
Rainha da paz,

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, *perdoai-nos Senhor*
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, *ouvi-nos Senhor*
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, *tende piedade de nós.* (BOSADONNA; SANTARELLI, 2000, p, 17).

O termo “ladainha”, em seu sentido corriqueiro, remete a uma espécie de “falação fastidiosa que está sempre repisando as mesmas idéias; enumeração longa e cansativa; repetição monótona e tediosa de queixas e recriminações; lengalenga” (HOUAISS, 2010). Procede dessa utilização o significado vulgar do termo “ladainha” como uma repetição obsessiva de termos esvaziados de sentido, uma sequência repetitiva de afirmações vocais sem real participação do sujeito.

Longe dessa acepção corriqueira, tomamos o enunciado da *ladainha* como uma prática semiótica do domínio discursivo religioso³. O percurso gerativo do sentido, enquanto simulacro metodológico das abstrações que o leitor faz ao longo da leitura de um texto, nos permitirá compreender os mecanismos de construção do sentido desse gênero devoto e contemplativo.

Gêneros discursivos são práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas, “formas de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2003, p. 25). Concebemos a *ladainha*, nesse sentido, como um gênero, uma organização relativamente estável, uma ação prática ritual do domínio religioso católico, caracterizada por um conteúdo temático, estilo e composicionalidade.

A temática da *ladainha* recobre um conteúdo de grande fervor religioso. Caracteriza-se como uma “oração ou prece litúrgica usada em rituais religiosos diversos, onde os fiéis, organizados ou não em procissão, entoam uma série de invocações a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem e/ou aos santos, louvando-os ou solicitando-lhes graças e ajudas” (COSTA, 2008, p. 124).

A fim de examinar a natureza do material vocabular da *ladainha*, faz-se necessário analisar a composição da estrutura do enunciado, sua forma composicional, portanto.

³ Por domínio discursivo, referimo-nos às esferas de atividade humana nas quais os textos circulam: discurso religioso, publicitário, midiático etc. Essa noção também foi desenvolvida por Maingueneau (2008) sob o conceito de cena englobante.

No que diz respeito à estrutura composicional, o gênero *ladainha* se constitui como uma oração de súplica, cuja característica é um elemento repetitivo (*ora pro nobis* – rogai por nós).

Temos, assim, enunciados organizados em uma série de duas sequências injuntivas e invocativas, ligadas por uma formulação imperativa:

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós
Santa Maria, **rogai por nós**

A *ladainha* poderia ser caracterizada, diferentemente dos textos de função utilitária (que tem por objetivo informar, convencer etc), poderia ser caracterizada pela predominância da função estética, dada pela relevância do plano de expressão (PE), que não serve apenas para veicular um conteúdo, mas para recriá-lo em sua organização. Entretanto, perde-se a estesia. Caracteriza-se o enunciado da *ladainha* enquanto um sistema semi-simbólico. “Sistema semi-simbólico é aquele que estabelece correlações entre categorias da expressão e categorias do conteúdo situadas em todos os níveis do percurso gerativo do sentido” (FIORIN, 2008, p. 59).

O modo de dispor as palavras no enunciado realça os elementos do plano do conteúdo (PC) do texto. Sintagmas cristalizados vão sendo enumerados em retomadas de unidades paradigmáticas. “Relações paradigmáticas são as relações virtuais existentes entre as diversas unidades da língua que pertencem a uma mesma classe morfossintática ou semântica” (DUBOIS, 2001, p. 453).

Verificamos, no enunciado da *ladainha*, a gradação da súplica, disposta no paralelismo sintático da expressão “rogai por nós”, encadeada em sequências injuntivas de tom laudatório e invocatório. Temos uma espécie de ritmo composicional da *ladainha*, dado enquanto uma gradação ascendente da súplica. Cria-se, mediante uma disposição contemplativa da oração, uma inclinação ao conotado. O texto apresenta uma espécie de sintagma cristalizado e repetitivo, conclamando a interlocutora divinizada à ação, suplicando que ela interceda por ele, fiel, enunciador.

Associamos esses sintagmas cristalizados à noção de fórmula discursiva. Faz-se de grande utilidade a incorporação do conceito de “fórmula” desenvolvida por Krieg-Planque (2010) no âmbito da Análise do Discurso francesa.

Esse conceito apresenta uma enorme tradição de estudos nas ciências humanas, da qual podemos destacar pesquisas a respeito de provérbios, *slogans*, ditados, entre outros.

Em seu emprego especializado, o termo fórmula designa uma expressão lexical, mais frequentemente, um sintagma nominal ou uma colocação de caráter neológico⁴, que remete a uma noção, tendo exercido, no plano ideológico, um papel fundador ativo em certa construção histórica. Uma fórmula caracteriza-se pelo seu uso maciço e repetitivo, sua circulação em um espaço público em uma conjuntura dada (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 244).

De acordo com Krieg-Planque (2010), a noção de fórmula apresenta as seguintes propriedades: caráter cristalizado; inscrição em uma dimensão discursiva; função de referente social de uma dada formação discursiva.

A invocação “Santa Maria, rogai por nós” configura, portanto, uma fórmula discursiva, seja pela sua realização estrutural como uma sequência injuntiva cristalizada, seja por sua inscrição no domínio discursivo religioso. Ao estabelecermos a materialidade linguística da *ladainha* sob uma forma relativamente estável, já projetamos a inserção no discurso. A noção de fórmula, outrossim, não se inscreve dentro do âmbito linguístico, mas discursivo. Essa dimensão discursiva refere-se à utilização da fórmula por uma determinada comunidade discursiva que partilha do domínio religioso ritual católico. E, assim, dada a produtividade da concepção de fórmula discursiva, incorporamo-la ao âmbito da teoria semiótica.

A estrutura segue a utilização inicial do vocativo “Senhor”, “Cristo”, para evoluir na direção de “Santa Maria”, inserida em uma longa lista enumerativa com a repetição da súplica “rogai por nós” a cada invocação. Cada uma das invocações realizadas constitui uma jaculatória.

A jaculatória é um gênero textual que se caracteriza por um conteúdo de grande fervor religioso, estilo laudatório e invocatório (duas sequências injuntivas ligadas na sua formulação imperativa), composição curta com poucos enunciados, voltada para a obtenção de graças ou perdão, a depender da circunstância (MARCUSCHI, 2003, p.24).

Ainda como critério de enumeração, o enunciado apresenta uma série de atributos, um conjunto de qualificações atribuídas a Nossa Senhora. Dentre elas, destacamos: “Espelho de perfeição”; “Sede da sabedoria”; “Fonte de nossa alegria”; “Vaso espiritual” etc.

⁴ Por neologia, entendemos “o processo contínuo de formação de novas unidades lexicais (palavras ou combinações de uma língua)” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 346).

O tempo, na *ladainha*, converte-se em uma vivência sensível pautada pela aceleração e pela predominância de valores emissivos⁵ dados pela retomada do mesmo tópico: as qualificações laudatórias a Nossa Senhora. As articulações composicionais exprimem uma intensificação, na qual a inclinação estética da *ladainha* remete à posição de um corpo, ativo, paradoxalmente contemplativo, do fiel instaurado no enunciado.

Temos, assim, um estilo tensivo (ZILBERBERG, 2006) caracterizado pela velocidade e duração próprias a um devir. Uma espécie de esquematismo tensivo ascendente, responsável pela projeção no campo de presença de cada vez mais unidades concentradas na célula única, a fim de que se tenha o restabelecimento da relação junctiva do sujeito, intermediada pelo pedido de súplica. Esse conjunto de configurações aspectuais apresenta grande ligação com a Retórica, na medida em que a argumentação também se situa como uma prática discursiva (FONTANILLE, 2008, p. 38).

Dentre as figuras retóricas que têm por objetivo aumentar o efeito de sentido de presença, destacamos a utilização da acumulação como figura de repetição. A acumulação é uma figura de pensamento, na qual predomina a sequência e emparelhamento de termos linguísticos pertencentes à mesma esfera conceitual, a que associamos o conceito de isotopia.

O enunciado da *ladainha* apresenta diversas isotopias figurativas que correspondem a uma mesma isotopia temática (tema da intercessão e proteção divina).

Espelho de perfeição
Sede da sabedoria
Fonte de nossa alegria,
Vaso espiritual
Tabernáculo da eterna glória
Moradia consagrada a Deus
Rosa mística
Torre da santa cidade de David
Fortaleza inexpugnável
Santuário da presença divina
Arca da aliança
Porta do céu
Estrela da manhã
Saúde dos enfermos
Refúgio dos pecadores
Consoladora dos aflitos
Auxílio dos cristãos

⁵ Aos valores emissivos, também denominados continuativos, associamos a noção de programa, a parada da parada. Ao fazer remissivo, associamos o antiprograma, a parada (ZILBERBERG, 2006, p. 133).

Vejamos como se consolida a figurativização de cada uma das séries de invocações:

1ª. Série de invocações: figurativização da temática de Jesus Cristo e da Santíssima Trindade;

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós

2ª. Série de invocações: figurativização da temática da maternidade de Maria;

Mãe de Cristo,
Mãe da Igreja
Mãe da divina graça
Mãe puríssima
Mãe castíssima
Mãe Imaculada
Mãe digna de amor
Mãe admirável
Mãe do bom conselho
Mãe do Criador
Mãe do Salvador

3ª. Série de invocações: figurativização da temática da virgindade de Maria;

Virgem prudente
Virgem digna de honra
Virgem digna de louvor
Virgem poderosa
Virgem clemente
Virgem fiel

4ª. Série de invocações: (figuras simbólicas) - Símbolos de Maria que evidenciam sua virtude e papel como co-redentora da humanidade.

Espelho de perfeição
Sede da sabedoria
Fonte de nossa alegria,
Vaso espiritual
Tabernáculo da eterna glória
Moradia consagrada a Deus
Rosa mística
Torre da santa cidade de David

5ª Série de invocações: figurativização de Maria como Rainha.

Rainha dos anjos,
Rainha dos patriarcas,
Rainha dos profetas,

Rainha dos apóstolos,
Rainha dos mártires,
Rainha dos confessores da fé
Rainha das virgens
Rainha de todos os santos
Rainha concebida sem pecado
Rainha assunta ao céu
Rainha do rosário,
Rainha da paz,

6ª. *Série de invocações*: figurativização da intercessão de Maria junto a Cristo – remissão dos pecados

Cordeiro de Deus que tirais os pecados
do mundo, *perdoai-nos Senhor*
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do
mundo, *ouvi-nos Senhor*.
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do
Mundo, *tende piedade de nós*.

Essa forma de enumeração (*enumeratio*), apresentada pelo autor, refere-se às listas panegíricas⁶ ou encomiásticas⁷, às quais pertence o gênero *ladainha*.

Desde a antiguidade, a retórica sempre apreciou as listas ritmicamente escandidas e escandíveis, mas não importava tanto mencionar quantidades inexauríveis quanto atribuir propriedades a alguma coisa, de modo redundante, por amor da reiteração (ECO, 2010, p. 133).

A repetição das sequências invocativas reflete o andamento acelerado da percepção que o fiel tem do mundo, diante de cada súplica dirigida a Nossa Senhora. Associamos essa percepção a uma atitude contemplativa do sujeito diante da Virgem e só dela, o que poderia gerar uma espécie de catarse. Para que possamos entender mais claramente como se configura o processo catártico, referimo-nos à identificação do sujeito com o objeto de sua fé, a Virgem, discursivizada na *ladainha*. O sujeito permanece no plano da enunciação enunciada. Temos, assim, a atitude contemplativa que se desdobra na voz presentificada (eu-tu). O sujeito é conduzido por meio de sequências invocativas e expressões injuntivas que giram em torno do mesmo tema (evocação à intermediação de Maria). Por meio desse ângulo, contempla-se a pessoa, a fé e a crença na intermediação divina realizada pela figura de Nossa Senhora. “A *ladainha* faz a pessoa penetrar pouco a pouco na realidade a que se alude: se se trata de

⁶ “Elogio solene; [...] que louva, que contém louvor; elogioso, laudatório” (HOUAISS, 2010).

⁷ “Fala ou discurso em louvor de alguém; elogio, gabo [...] hino religioso de louvor” (HOUAISS, 2010).

pessoa, entra-se vagarosamente em seu mistério” (BOSADONNA; SANTARELLI, 2000, p. 55).

O estilo, segundo Bakhtin (2003), refere-se às marcas linguísticas exigidas por um determinado gênero e que o caracterizam. De acordo com Discini (2004), o estilo diz respeito ao *éthos*, seja do autor, seja do gênero, o que ultrapassa o que Bakhtin propõe. O estilo conforme o qual a *ladainha* se caracteriza é marcado pelo ritmo repetitivo com que se desdobram cada uma das invocações, dispostas em frases breves, atributos lapidares, adjetivos e locuções. Temos aí um *éthos* devoto, contemplativo e de estilo laudatório e invocatório.

Observamos a organização aspectual e rítmica da sequência de invocações oracionais, tendo como elemento primordial a fúndia e os simulacros passionais projetados pelo sujeito enquanto percepção de mundo. Lembramos ainda que o “ritual supõe um crer específico (todas as práticas têm uma base fiduciária geral), partilhado por todos os participantes, e necessário ao êxito da ação (FONTANILLE, 2008, p. 50)”.

Por contrato fiduciário, associamos um fazer persuasivo por parte do destinador e, em contrapartida, a esperada adesão do enunciatário. Trata-se da construção de simulacros, imagens intersubjetivas projetadas no enunciado, e que aludem à confiança no outro, ou a confiança em si mesmo (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 208).

Verificamos, no enunciado da *ladainha*, a formulação de uma relação fiduciária (GREIMAS, 1983, p. 229) a que denominamos “crer”, entre o actante sujeito (fiel) e a imagem de Maria como intermediadora e intercessora que este constrói para si. Além da expectativa fiduciária desse actante sujeito, fiel, a um /querer-estar reunido/, e, portanto, restituído aos valores católicos, com os quais se teria desvinculado pela prática do pecado, notamos, principalmente, a confiança na obrigação conjuntiva do sujeito do fazer (Nossa Senhora).

O programa narrativo de base que rege este discurso pode ser descrito como se segue:

S1 querer [S2 \rightarrow (S1 \cap Ov)] = querer estar reunido, restituído aos valores católicos;

S1 crer [S2 dever \rightarrow (S1 \cap Ov)] = crença na intermediação e intercessão de Nossa Senhora.

Percebemos, no enunciado da *ladainha*, um contrato fiduciário estabelecido pelos actantes destinador e destinatário (S1 e S2). A crença é uma sobremodalização, o que confirma a intercessão de Nossa Senhora e consequente restituição do fluxo fórico. Ressaltamos, assim, a crença dos fiéis na proteção e intercessão da Virgem Maria e de todos os Santos junto de Deus.

Configura-se a expectativa fiduciária segundo a qual o actante-sujeito julga haver um destinador transcendente, dotado das modalidades do poder/dever atender a súplica realizada: a Virgem, Mãe de Deus, mistura-se ao próprio Deus.

O culto à figura de Nossa Senhora como intercessora e mediadora entre homens e Deus é de importância salutar para a Igreja.

A maternidade de Maria, na economia da graça, perdura sem cessar, desde o consentimento que ela prestou fielmente na anunciação e manteve sem vacilar ao pé da cruz, até a consumação final de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salutar, mas, pela sua múltipla intercessão, continua a obter-nos os dons da salvação eterna. Com seu amor de Mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso, a Santíssima Virgem é invocada, na Igreja, com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira (PAULO VI, 2003, p. 126-127).

3. Considerações finais

O enunciado da *ladainha* se configura pela presença de uma estratégia de manipulação, com a qual o destinador busca instaurar um querer-fazer no destinatário (fiel), para que este entre também em conjunção com a fé do culto à Maria. Fica implicado um actante, destinador transcendente, Deus, que, por intermédio de Maria, acolhe o fiel, como aquele que tudo pode e sabe.

Temos, portanto, mediante essa prática oracional, a relação entre o sujeito (actante coletivo), a fé (crença), a súplica, a remissão dos pecados e o dogma.

Denominamos o sujeito inserido no domínio discursivo da prática oracional um actante coletivo, pois este não privilegia a fronteira da comunidade com o exterior, mas sim a fusão interna entre os membros do grupo. Caracteriza-se, desse modo, a participação na comunhão, nessa prática da oração. Ressaltamos o caráter de sistema de participação da oração, cujo domínio consolida a comunidade pertencente a um mesmo *tesauro*. Por domínio,

integramos a memória discursiva⁸ (conhecimento das orações) e a competência comunicativa (saber que orações dizer e diante de qual situação) do sujeito (MAINGUENEAU, 2008, p. 106).

Em se tratando de discurso e lugares sociais, verificamos, no enunciado da *ladainha*, o predomínio da espacialização dada no eixo da verticalidade. O olhar da verticalidade constrói o plano espiritual a partir do ponto de vista eufórico, estabelecendo o “alto” como categoria eufórica. Seu olhar constrói-se por meio do “baixo” (disfórico) para o “alto” (eufórico). Delineia-se, assim, a organização da sequência narrativa: eu (actante coletivo) em direção a Cristo nosso Senhor por intermédio de Maria.

O programa de oração, para o qual nos remetemos à eficácia da palavra empregada pela *ladainha* (FONTANILLE, 2008), é pautado pelo uso de formulações imperativas que determinam a realização de uma determinada “conduta” ritual por parte do sujeito (interlocutor divino – Maria – figura da intercessora).

Acaba por caracterizar-se a manipulação de um destinador, o enunciador, o interlocutor, aquele que diz “eu”, ao interlocutário, o “tu”, a Virgem Mãe. Temos aí uma tensão para a conjunção (BLANCO, 2008, p. 57). Inicialmente, o sujeito patêmico (pecador, instaurado no enunciado) configura uma espécie de “ressentir” “do estado limite e espera do retorno da fusão”. Essa espera repousa sobre a fideducía. Observamos a dimensão passional do sujeito pautada pela expectativa de retorno aos valores com os quais este se teria desvinculado, expectativa esta que designamos, em semiótica, como protensividade fórica (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 30). Caso o destinatário (Nossa Senhora) faça o que pedimos, concretizar-se-á a expectativa fiduciária do sujeito e a tensão será atenuada. Se o simulacro aspectualiza o sujeito, confirmando nele um modo de ser no mundo, sobremodalizando a sua competência modal, fazendo-o querer ser de certo modo, no caso, conjunto aos valores católicos, a construção desse sujeito em sua proprioceptividade⁹

⁸ “Uma formação discursiva é tomada em uma *dupla memória* [...]. Ela constrói para si uma *memória externa* colocando-se na filiação das formações discursivas anteriores. Ao longo do tempo ela cria também uma *memória interna* (com os enunciados produzidos antes, no interior da mesma formação discursiva). O discurso se apóia, então, em uma Tradição, mas cria pouco a pouco a sua própria Tradição. Aqui a *memória* não é psicológica, ela mantém-se em unidade com o modo de existência de uma formação discursiva: cada uma tem uma maneira própria de administrar essa memória” (MAINGUENEAU, 1998, p. 96-97).

⁹ Entendemos por proprioceptividade o termo complexo da categoria *exteroceptividade/interoceptividade*. Esse termo tem por objetivo “classificar o conjunto das categorias sêmicas que denota o semantismo resultante da percepção que o homem possui de seu próprio corpo” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 393).

confirma o imaginário modal do sujeito e, por conseguinte, uma motivação orientada para uma imagem-fim (reintegração) projetando sua configuração passional (GREIMAS; COURTÉS, 1993). Assinalamos, assim, a figura de um sujeito divino (Deus, Espírito Santo) atingível apenas mediante a figura de Maria, tida enquanto mediadora (intercessora) capaz de restabelecer o fluxo fórico do fiel-enunciador, reintegrando-o a tais valores: “*Rogai por nós, santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo*”.

Remetamos aos efeitos de passionalização. Segundo a direcionalidade tensiva orientada para a concentração espacial e aceleração do andamento, o que pode ser verificado no enunciado por meio da justaposição da série de sequências injuntivas de súplicas em estilo laudatório e invocatório a partir de uma percepção ascendente em tonicidade. Podemos delinear o estilo do enunciado da experiência da palavra (prática católica da oração) por intermédio de uma direção ascendente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BASADONNA, G; SANTARELLI, G. *Ladainhas de Nossa Senhora*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BENTO XVI. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BLANCO, Desiderio. El rito de la Misa como práctica significativa. *Temas del Seminario*, n. 20, Puebla/ México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, pp. 43-70, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. São Paulo: Autentica, 2008.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros et. alii. São Paulo: Cultrix, 2001.
- ECO, Umberto. *A vertigem das listas*. São Paulo: Record, 2010.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FONTANILLE, Jacques. Práticas Semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Visotto Paiva; Portella, Jean Cristtus (orgs). *Semiótica e Mídia: textos, práticas e estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. Trad. Alceu Dias Lima et. alii. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

1975.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2010. Cd.Rom.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de fórmula em análise do discurso - quadro teórico e metodológico*. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 21ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

REHFELD, Walter I. *Tempo e religião*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ZILBERBERG, Claude. *Relativite du rythme. Théories e pratiques sémiotiques. Proteé*. Vol. 18, n.1., 1990.

ZILBERBERG, Claude. *Elements de grammaire tensive*. Limoges: Pulim, 2006a.

Artigo recebido em maio de 2012.
Artigo aceito em junho de 2012.